

As consequências do contato entre religiosidade e conhecimento científico na vida e nas relações afetivas

João Paulo Rosa Lorenço/a¹
Claudia Neves da Silva²

Resumo: O objetivo principal da pesquisa é estudar e apresentar uma parcela da realidade dos estudantes de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina, que se autodeclararam homossexuais, e que mantêm fortes vínculos religiosos: como convivem com as múltiplas formas de pensamento e como interpretam o seu pertencimento junto a uma comunidade religiosa enquanto homossexuais e estudantes de um curso, cujos fundamentos teóricos são críticos.

Palavras-chaves: religiosidade, pertencimento religioso, homossexualidade

¹ Bolsista de iniciação científica IC/CNPq; estudante de graduação em Serviço Social pela Universidade Estadual de Londrina; joapaulorosalorengo@gmail.com

² Profa. Departamento de Serviço Social/ Universidade Estadual de Londrina; Doutorado em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2008); claudianess@uel.com

Introdução

Analisamos as atuais demandas postas ao Serviço Social sob os pressupostos presentes nos princípios fundamentais do Código de Ética do Serviço Social (1993), que nos permite vislumbrar e assegurar o estudo e o respeito às novas formas de expressão da Questão Social:

- I. Reconhecimento da liberdade como valor ético central e das demandas políticas a ela inerentes - autonomia, emancipação e plena expansão dos indivíduos sociais;
 - II. Defesa intransigente dos direitos humanos e recusa do arbítrio e do autoritarismo;
 - III. Ampliação e consolidação da cidadania, considerada tarefa primordial de toda sociedade, com vistas à garantia dos direitos civis sociais e políticos das classes trabalhadoras;
 - IV. Defesa do aprofundamento da democracia, enquanto socialização da participação política e da riqueza socialmente produzida;
 - V. Posicionamento em favor da equidade e justiça social, que assegure universalidade de acesso aos bens e serviços relativos aos programas e políticas sociais, bem como sua gestão democrática;
 - VI. Empenho na eliminação de todas as formas de preconceito, incentivando o respeito à diversidade, à participação de grupos socialmente discriminados e à discussão das diferenças;
- [...]
- VIII. Opção por um projeto profissional vinculado ao processo de construção de uma nova ordem societária, sem dominação, exploração de classe, etnia e gênero;
- [...]
- XI. Exercício do Serviço Social sem ser discriminado/a, nem discriminar, por questões de inserção de classe social, gênero, etnia, religião, nacionalidade, orientação sexual, identidade de gênero, idade e condição física

(CEFSS, 1993, p.24)

Nesta perspectiva, analisamos os discursos religiosos conservadores e sua relação intrínseca com o crescimento dos movimentos LGBT na sociedade brasileira, como nos explica Regina Facchini introduzindo os debates acerca da temática

Enquanto boa parte dos movimentos sociais que foram mais visíveis nos anos 1980 experimenta um processo de “crise”, o movimento LGBT não apenas cresce em quantidade de grupos e diversifica os formatos institucionais, como também amplia sua visibilidade, sua rede de alianças e espaços de participação social. Assim, entre os interlocutores do movimento LGBT, temos movimentos de direitos humanos, de luta contra a Aids e movimentos de “minorias”, especialmente o feminista, em âmbito nacional e internacional; temos também agências governamentais, parlamentares e setores do mercado segmentado. Além disso, temos uma ampliação dos espaços de participação: comissões que discutem leis ou políticas públicas, mas também há a construção de espaços para o advocacy em âmbito internacional. A ampliação da visibilidade social se dá basicamente pelo debate público em torno de candidaturas e projetos de lei; pela adoção da estratégia da visibilidade massiva através da organização das Paradas do Orgulho LGBT; e pela incorporação do tema de um modo mais “positivo” pela grande mídia, seja pela inserção de personagens em novelas, seja em matérias de jornais ou revistas que incorporam LGBT como sujeitos de direitos (FACCHINI, 2005; FRANÇA, 2006a; 2007b) (Facchini, 2009, p.13)

Resolvemos estudar a homossexualidade e o não binarismo de gênero à luz do estudo de caso realizado com dois estudantes do curso de Serviço Social, buscando compreender os fatores socioculturais e religiosos que permeiam os estudantes autodeclarados homossexuais, que não se identificam com o binarismo de gênero no contexto da graduação em Serviço Social e suas consequências nas relações afetivas e na construção do conhecimento destas pessoas.

O campo da religiosidade brasileira se modifica a partir do contexto da pósmodernidade, considerando principalmente a complexidade das relações sociais neste dado espaço-tempo, cabendo ao ser humano individualizar os aspectos religiosos ou sociais em detrimento das condicionantes impostas pelos padrões sociais.

O homem pós-moderno vive a religião “à la carte”, de tipo “self-service”, numa mistura de vários aspectos que mais interessam e satisfazem as exigências e necessidades momentâneas. Na busca do sentido da vida, cria-se o deus e a religião pessoal: “Jesus Cristo sim, Igreja não”. O “boom” religioso revela isto: seitas, cultos, esoterismos, filosofias orientais, yoga, etc., num verdadeiro “misticismo difuso e eclético”, onde se vive a preferência religiosa e o “suave consumismo religioso”. A razão disso se encontra também no fato de o sagrado ter-se libertado do domínio da religião, isso é, qualquer pessoa pode atribuir-se o título de “bispo”, missionário e oferecer o serviço religioso como qualquer serviço de tele entrega rápida e soluções milagrosas. (Melchior, 2009, p.5)

Neste sentido, identificamos alguns aspectos dos estudantes que fizeram parte do universo da pesquisa, como nos expõe Melchior à luz de Bauman, e que são o ponto de partida para analisarmos o tema proposto:

- a) Pluralidade: Não existe um padrão, uma forma, uma uniformidade, uma antropologia, mas projetos antropológicos, uma variedade de projetos, resultando em contradições e fragmentos. “A tolerância, ao lado do pluralismo, é outro valor básico”.
- b) Novidade: O homem pós-moderno é aberto, criativo, não preso a formas e tradições, identificadas como “velhas” e “ultrapassadas”. A novidade não está somente em dar forma nova ao tradicional, mas criar algo genuinamente autêntico e com tom moderno.
- c) Secularização: O homem moderno não procura acabar com Deus e as formas religiosas. Simplesmente desloca para o universo amplo de realidades que o circunda. Não é Deus, não é o universo, mas ele é o centro. Tudo passa a existir e ter valor enquanto serve de resposta às necessidades e desejos.
- d) Racionalidade: Uma racionalidade pragmática, onde vale a experiência e se busca compreender sempre melhor a realidade das coisas, a partir dos ditames da razão. Somente existe aquilo que foi decifrado e decodificado pelo microscópio. A técnica aperfeiçoa a natureza e a molda para os fins e interesses humanos. Consequentemente, não existem mitos e os esquemas lógicos e científicos são os que dominam.
- e) Imersão no universo: O homem moderno se descobre imerso num universo maior que o circunda. Sente-se parte dele e tem a tendência a deixar-se levar pelos ventos. Suas fraquezas encontram nas forças da natureza justificativa plausível e desfruta os prazeres como partes do seu instinto. (Melchior, 2009, p.2)

As experiências individuais criam uma certa ânsia pela incerteza do futuro e medo pelas situações presenciadas em nossa sociedade, Marcelo Melchior nos apresenta que na pósmodernidade

Tudo é muito frágil e provisório, afinal, a experiência não se esgota. O amanhã poderá ser diferente e, nesse caso, as determinações de hoje poderão não ser as mesmas de amanhã. Neste contexto um Deus inerte e autoritário não faria mais sentido. (Melchior, 2009, p.5)

Analizamos que a sociedade pós-moderna, ansiosa e depressiva, é um sincretismo de valores e credos, servidos conforme as particularidades, e principalmente, as necessidades objetivas e subjetivas de cada indivíduo.

A pessoa “não binária” sofre as consequências da insatisfação com a padronização de gênero imposta culturalmente. Segundo Jesus (2016, p.2), estas pessoas se classificariam dentro de um grupo, ou seja, “um rótulo que busca abarcar um conjunto amplo e relativamente disperso de reflexões sobre a heterossexualidade como um regime político-social que regula nossas vidas” que se denominaria Queer. Sabendo disso, buscamos analisar realidades que fogem aos padrões comportamentais impostos e reforçados culturalmente. Para uma análise mais profunda sobre a temática recorreremos aos escritos sobre a teoria Queer, que questiona essa normatização do padrão heterossexual e binário sob o horizonte dos escritos de Cassiano Celestino de Jesus

A Teoria Queer dentro do mundo das sexualidades trabalha com as bichas, os “viados poc poc”, as “sapatonas caminhoneiras”, as travestis, drag-queens, transexuais. A Teoria Queer, portanto, não é uma defesa da homossexualidade, “é a recusa dos valores morais violentos que instituem e fazem valer a linha da abjeção, essa fronteira rígida entre os que são socialmente aceitos e os que são relegados à humilhação e ao desprezo coletivo” (Jesus, 2016, p.27)

É importante entender que a extrapolação da heteronormatividade não significa necessariamente que ela coexista somente com a homossexualidade e entendemos isto navegando na complexidade das questões de gênero humano, indo ao encontro dos dispositivos discursivos que permeiam os padrões culturais socialmente aceitos, como nos alerta Cassiano, a rotulação Queer

Questiona, provoca, gera desconforto, incômodo e, sobretudo, perturbação. Ela modifica o nosso olhar para pensar os corpos, as sexualidades e o gênero. Ela desestabiliza porque permite pensar “para além dos limites do pensável” (Jesus, 2016, p.21)

Neste ponto, compreendemos o papel normalizador que exigem as relações e instituições religiosas e familiares na sociabilidade burguesa e que corroboram para a uniformização dos corpos que desviam do que é socialmente aceitável, como nos explicam Silva e Barbosa (2016, p.131):

É nesse momento que os domadores dos gêneros sentem que o seu trabalho de “domesticação” das expressões e performatividades dos gêneros falhou, e assim como um domador de cavalos selvagens, a sociedade busca com a negativa do normal do sujeito desviante, puni-la para que assim ele possa voltar a caminhar nas trilhas da naturalidade.

Afim de analisarmos a manutenção dos padrões binários nas relações e nos estudos de gênero é importante compreendermos a confusão que se é criada para punir todo os comportamentos e orientações que destoem dos padrões heteronormativos, como por exemplo a homossexualidade, e que segundo a visão conservadora deve ser punida assim como nos explica Ferraz

A homossexualidade, segundo a visão mais conservadora, é um estado passageiro. Para os fundamentalistas ninguém é homossexual, apenas está homossexual e voltará a sua condição normal de heterossexualidade assim que passar pelo processo de libertação. Esse processo necessita de um passo a passo, que começa com a aceitação do problema até, finalmente, o indivíduo encontrar um parceiro do sexo oposto, se casar e constituir uma perfeita família cristã. (Ferraz, 2015, p. 490)

Discurso como esse, reafirmado socialmente, colabora para o avanço do preconceito contra essa população. Essa é a lógica que permite até hoje a preservação da desigualdade que renasce nos diferentes extratos e na qual segundo Silva e Barbosa (2016) favorecem a manutenção de tal sistema político-econômico e sociocultural, tornando invisível a população LGBT e a garantia de seus direitos enquanto seres humanos

(...) modelo dominante na qual vem se construindo a nossa sociedade, modelo esse que é incentivado publicamente em quase todos os espaços sociais pelos quais transitam as pessoas. Há inclusive diferentes maneiras de se contribuir para a sua hegemonia e manutenção no simbólico social. Talvez a maneira mais eficaz depois da homofobia expressa, no sentido de ser mais facilmente propagada pela sociedade, se constitui no silêncio. (Silva e Barbosa, 2016 p. 139)

O interessante para esta análise é observamos os discursos, os papéis, as ações e os movimentos dos líderes religiosos e das próprias igrejas na manutenção do padrão existente, particularmente aos desenvolvimentos da religiosidade na sociedade. Nestes espaços em que se congregam a busca por respostas às situações objetivas e subjetivas, é visível o controle injetável

dos padrões morais e comportamentais de uma sociedade que caminha a passos lentos e conservadores, trazendo para as relações sociais os valores religiosos que emanam de seus templos, como nos expõe Silva e Barbosa

Essa prisão é determinada por parâmetros morais, sociais e religiosos presentes na sociedade, que ao mesmo tempo legisla e julga os “seres desviantes” das regras dos gêneros. Neste presídio existem concepções que buscam doutrinar os corpos sexuados que devem apresentar características pré-moldadas. Devem possuir visibilidade de normas do masculino, pois, estas devem ser facilmente identificadas pela sociedade em todas as formas de expressão da masculinidade do homem, e caso essa premissa não se concretize o julgamento severo é imposto pela sociedade que assume o papel dos carrascos (Silva e Barbosa, 2016, p.131)

Sob a consciência dessas análises, começamos nosso caminho na pesquisa. Tomando como percurso metodológico o estudo de caso, que possuí, segundo Marli e André (1984), elementos essenciais para um diálogo mais “informal” com nossas fontes orais, concluímos que esta seria a melhor forma de nos aproximarmos dos atores principais do desenvolvimento deste artigo e consideramos que algumas características primordiais para isto seria, entre outras:

1. A busca pela descoberta. [...]
2. “A interpretação em contexto”. [...]
3. Representar os conflitantes pontos de vista presentes numa situação social. [...]
4. Utilização de várias de fontes de informação. [...]
5. Revelação de experiência vicária e que permitem generalizações naturalísticas. [...]
6. Elaborados numa linguagem e numa forma mais acessível do que outros tipos de relatórios de pesquisa [...]. (Marli e André, 1984, p. 52)

Compartilhando do método proposto por Marli e André (1984), realizamos o estudo de caso com dois estudantes do curso de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina, autodeclarados homossexuais, que possuem comportamentos considerados desviantes dos papéis sociais de gênero determinados e aceitos culturalmente, e que mantém algum vínculo religioso. Buscamos explorar neste estudo, aspectos econômicos, étnico-raciais e socioculturais na forma de entrevistas e conversas com os dois estudantes, com o objetivo de coletar informações pertinentes a uma análise mais completa desta dada realidade.

Identificamos com as conversas a forte presença da religiosidade nos dois casos. Um estudante é autodeclarado católico e outro membro de uma comunidade evangélica. Observamos também a grande influência dessas matrizes religiosas na formação de seus valores e falas. A partir disso levantamos alguns discursos advindos de líderes religiosos das duas

igrejas e que mostram a grande diversidade de opiniões dentro de uma mesma religião, e até mesmo de uma mesma igreja.

O Papa Francisco preconizou em uma entrevista seu posicionamento quanto a forma que trata as pessoas homossexuais, ele disse (Francisco, 2013) “Se uma pessoa é gay, busca Deus e tem boa vontade quem sou eu para julgá-la? ”. Já o padre brasileiro Paulo Ricardo, expoente de um site na internet, possui um artigo totalmente dedicado ao “homossexualismo” explicando que:

O drama dos homossexuais é semelhante ao de todos os seres humanos marcados pelo pecado original. Todos possuem um “canto de sereia”, uma tentação demoníaca que diz: seja feliz, procure a felicidade aqui nesta terra. É buscando essa felicidade que o alcoólatra se embriaga, que o drogado se entorpece, que a prostituta se destrói, que o adúltero acaba com sua família e que o homossexual mendiga afeto de relação em relação. (Ricardo,2012)

A religiosidade é um fator muito presente em praticamente todos os aspectos da vida na sociedade brasileira, compreendemos que ainda hoje, muitas pessoas baseiam as suas vidas a partir das experiências religiosas ou no próprio calendário de festividades religiosas

Muitas pessoas estão totalmente mergulhadas na fé, organizam a vida a partir dela e não abrem mão da participação ativa. São xiitas, ortodoxos, crentes e se reconhecem pertencentes ao mundo dos já salvos e com a missão de salvar os “perdidos”, os “infelizes”; outros são totalmente indiferentes a uma única instituição religiosa, dando preferência às soluções rápidas e preenchimento de um vazio de sentido. [...] (Melchior, 2009, p.5)

Para melhor explicarmos a religiosidade no mundo moderno, recorreremos a apropriação e mescla que ocorre dos símbolos sagrados de diversas matrizes religiosas dando “cara” às manifestações religiosas presentes no Brasil. Compreendemos a cidade de Londrina, especialmente a Universidade Estadual de Londrina, como um espaço entre o “sagrado e profano, entre o novo e velho”:

O retorno ao sagrado, ao esotérico, ao demoníaco e o culto ao mal são fenômenos da pós modernidade. Formas religiosas e credices consideradas ultrapassadas e infantis retornaram com novas forças e novos ares. Pelas avenidas, bairros, nas cidades e mesmo em pequenas cidades do interior, se veem símbolos, ritos, imagens, pessoas e igrejas de credos diferentes. Há situações, algumas engraçadas e outras conflitivas, nas quais numa mesma família se encontram vários credos e tendências religiosas. Em pouco tempo é possível ver diversos templos e formas religiosas, tanto in loco quanto via satélite (Melchior, 2009, p.5)

O mesmo espaço que congrega a busca por respostas às situações objetivas e subjetivas legisla os padrões morais e comportamentais da sociabilidade burguesa, conforme destacou Silva e Barbosa (2016, p.131):

Essa prisão é determinada por parâmetros morais, sociais e religiosos presentes na sociedade, que ao mesmo tempo legisla e julga os “seres desviantes” das regras dos gêneros. Neste presídio existem concepções que buscam doutrinar os corpos sexuados que devem apresentar características pré-moldadas. Devem possuir visibilidade de normas do masculino, pois estas devem ser facilmente identificadas pela sociedade em todas as formas de expressão da masculinidade do homem, e caso essa premissa não se concretize, o julgamento severo é imposto pela sociedade que assume o papel dos carrascos.

A relação intrínseca entre os papéis sociais de gênero, orientações sexuais e a religiosidade enraizada nos discursos de nossa sociedade nos permitem vislumbrar o complexo campo das relações patriarcais, religiosas e burguesas presentes em nossa sociabilidade e nos permitem entender que

Esse controle busca então estabelecer fronteiras entre os “corretos” e os “incorretos”, marginalizando o segundo e supervalorizando o primeiro. Dessa forma garantem a criação divina de “macho” e “fêmea” e as relações sexuais e afetivas entre eles, considerando aqueles estranhos à regra e incentivando-os a permanecerem no silêncio profundo de suas sexualidades pensadas como desviantes. (Silva e Barbosa, 2016, p.135)

É importante compreendermos a religião e os valores religiosos como uma das matrizes para a imposição da moralidade hegemônica e entender, segundo as análises de Silva e Barbosa (2016) o papel da influência judaico-cristã em nossa sociedade vem de muito longe, pois

Para as pessoas que convivem nessa sociedade heteronormativa, esse sistema é perfeito, criado por Deus, e Este, por ser perfeito, só poderia criar um sistema também perfeito e nunca imperfeito. Os que estão em desacordo não são falhas de Deus, mas tratam-se na verdade de pecadores que foram corrompidos por um dos mais graves pecados.

O “pecado nefando, isto é, aquele cujo nome não pode ser mencionado - e muito menos praticado! - Foi considerado pela moral judaico-cristã como mais grave do que os mais hediondos crimes anti-sociais, como por exemplo, o matricídio, a violência sexual contra crianças, o canibalismo, o genocídio e até o deicídio - todos pecados/crimes mencionáveis, enquanto só o abominável pecado de sodomia foi rotulado e tratado como nefandum” (BOSWEL apud MOTT, 1994, s.p). (Silva e Barbosa, 2016, p.132)

Este é papel dos líderes religiosos na construção social e na reafirmação dos valores comportamentais aceitos pelo ser humano que vive neste contexto.

A partir das primeiras aproximações com os dados obtidos junto aos dois estudantes estudados “uma pessoa identifica pelo sexo masculino e outra feminina”, de ambos os turnos do curso de Serviço Social, verificamos que os dois mantêm fortes vínculos religiosos, frequentando espaços religiosos cristãos. Verificar a presença desses corpos no espaço religioso cristão é compreender que

As igrejas cristãs são então as principais instituições, em termos de influência, que constroem parâmetros na busca por estabelecer “normalidades” para os seres humanos. Ela atua com um papel bastante relevante na normalização da vida social, utilizando diversas formas para garantir essa regulação, seja por meio de dogmas ou de padrões de ordem moral, os quais formam a identidade do grupo de fiéis (JESUS, 2008).

A primeira pessoa identificada como masculina apresenta em suas roupas e formas de expressão características de ambos os gêneros e não se identifica com nenhum deles, a partir dessa informação refletimos sobre o papel do homem na sociedade sob a luz de Silva e Barbosa (2016), que nos expõem quais são os padrões de masculinidade aceitos socialmente:

Ao homem foi estabelecido características “superiores” daquelas atribuídas às mulheres –, existe aqui uma hierarquia de gêneros, e nesse “jogo das dicotomias” diferem e se opõem e, aparentemente, cada um é uno e idêntico a si mesmo. A dicotomia marca, também, a superioridade do primeiro elemento” (Louro *apud* Silva e Barbosa, 2016, p. 131)

Esta pessoa participa assiduamente das celebrações da Igreja Católica em seu bairro. Diz conciliar muito bem os valores religiosos e sua sexualidade, visto que é autodeclarado homossexual, mas não mantém um relacionamento no momento. Relatou que em seu espaço religioso há debates sobre as questões LGBT e que atualmente não participa de forma direta dos debates do movimento por nenhum meio social. Nos informou que mesmo no espaço da Universidade Estadual de Londrina, supostamente espaço acolhedor, já sofreu preconceito advindo por parte de docentes em relação à sua orientação sexual e tipo de vestimenta.

O segundo caso que buscamos aproximação é de uma pessoa identificada pelo sexo feminino, que assim como no primeiro caso não apresenta padrões e comportamentos do sexo a qual é identificada, e neste momento é importante frisar o que seriam os comportamentos esperados para uma mulher em nossa sociedade segundo as análises dos discursos conservadores feita por Silva e Barbosa:

A mulher foi direcionada, a partir da sua biologia e de concepções religiosas, para uma ordem hierárquica inferior à do homem; a ela foi estabelecido o âmbito privado, como a casa sendo a sua segunda prisão. Ela deve possuir atributos que a sociedade considera “normais” para uma mulher (meiga, frágil, mãe). O homem igualmente possui suas

V SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS
Universidade Estadual de Londrina
13 a 15 de junho de 2018
ISSN 2177-8248

prisões, pois ele também deve possuir naturezas do ser homem (forte, viril, não pode expressar sentimentos) (BARBOSA; SILVA, 2016, p. 132)

A pessoa entrevistada sempre frequentou uma igreja evangélica, trabalha como vendedora e é estudante universitária; encontra-se solteira no momento e participa ativamente dos ministérios de sua comunidade religiosa: os ministérios de música e pregação, além de participar dos debates com temática LGBT nas redes sociais. Informa que as pessoas respeitam sua orientação sexual, visto que é autodeclarada homossexual, mas que no espaço não há debates sobre o tema, não concilia seus princípios religiosos com a sexualidade como coloca em uma frase: “Ou é ou não é”, identificando, portanto, um conflito com os valores postos e os que pratica. Sente-se muito acolhida no espaço da UEL e diz que suas orientações “nunca fecharam nenhuma porta”.

A partir dos relatos de nossos dois informantes, podemos fazer nossas primeiras considerações, como o fato de ambos participarem de igrejas e procurarem conciliar seus valores religiosos com sua orientação sexual, contrária ao que as doutrinas religiosas defendem. Também chama a atenção o fato de nossas fontes orais informarem que alguns membros das igrejas respeitarem sua orientação sexual.

Algumas considerações

A pós-modernidade resgata o valor da subjetividade, do emocional acima do racional e do sujeito mergulhado na imensidão do universo. Contudo, como se dá este resgate no que se refere à orientação sexual daqueles que participam ativamente de igrejas ou movimentos religiosos? Questões que pretendemos responder com a análise das entrevistas realizadas.

Referência:

BREPHOL, M. Estado laico e pluralismo religioso. *Estudos de Religião*, v. 30, n. 1, jan.-abr. 2016, p. 127 – 144. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/ER/article/view/6487>. Acesso em 10 de jan. 2018

CFESS. *Código de ética do/a Assistente Social*, v. 9, 1993. Disponível em: www.cfess.org.br/arquivos/CEP2011_CFESS.pdf. Acesso em 28/04/2018

FERRAZ, M.C. Religião e homossexualidade nos Estados Unidos: Vertentes liberais e conservadoras em debate. *Anais dos Simpósios da ABHR*. Vol. 14, 2015. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/view/973>. Acesso em 10 ago. 2017

V SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS
Universidade Estadual de Londrina
13 a 15 de junho de 2018
ISSN 2177-8248

JESUS, C.C. O que é a teoria queer? Notas introdutórias de um saber subalterno, subversivo e contra-hegemônico. *Veredas da História*, v. 9, n. 2, p. 21-34, dez, 2016. Disponível em: <http://www.seer.veredasdahistoria.com.br/ojs->

2.4.8/index.php/veredasdahistoria/article/viewFile/220/193. Acesso em: 10 de ago. 2017
MELCHIOR, M. N. A religião pós-moderna em Zygmunt Bauman. *XV Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões*. UFG- Campus II, p. 1 a 6, 25-27 de Maio, 2009. Disponível em: http://www.abhr.org.br/wpcontent/uploads/2013/01/art_MELCHIOR_pos_moderna_bauman.pdf. Acesso em 9 jan. 2018

PEREIRA, G.B.F. Salih, S. (2012). Judith Butler e a Teoria Queer. Belo Horizonte: *Autêntica. Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 6 (1), jan-jun, 2013, p. 157-162. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v6n1/v6n1a12.pdf>. Acesso em 9 jan. 2018

PORTELLA, R. Religião, Sensibilidades Religiosas e Pós-Modernidade Da ciranda entre religião e secularização. *Revista de Estudos da Religião*. Nº 2, 2006, p. 71-87. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv2_2006/p_portella.pdf. Acesso em 10 ago. 2017

SILVA, L. V; BARBOSA, R.S.N.B. “Sobrevivência no armário: dores do silêncio LGBT em uma sociedade de religiosidade heteronormativa. *Revista de Estudos de Religião*, Nº 3, v. 30, pag. 129-154, set.-dez. 2016. Disponível em: www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/ER/article/view/6309/5485. Acesso em 10 ago. 2017

RICARDO, P. “*Orientação a um homossexual*”. Disponível em: <https://padrepauloricardo.org/episodios/orientacao-a-um-homossexual>. Acesso em 23 abr. 2018